







P E L O I M P É R I O

COLOMIA DO MOALMIRIQUE
QUARTEL GENERAL
205

N.º 43

BIBLIOTECA
LOURENÇO MARQUES

ARTUR DE PAIVA

pele tenente-coronel

ALBERTO DE ALMEIDA TEIXEIRA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

N.º *12.322*

Aumentado em *220\$00*

15-06-78

C. D. BIBLIOTECA
LOURENÇO MARQUES



ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR

BIBLIOTECA

N.º *1946*

ENTRADA EM *27/4/78*

L I S B O A | 1 9 3 7

g.03.02. Ad

g.02.01. La

ARTUR DE PAIVA



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

COLECÇÃO PELO IMPÉRIO

N.º 43

ARTUR DE PAIVA

pelo tenente coronel
ALBERTO DE ALMEIDA TEIXEIRA

COLÓNIA DE MOÇAMBIQUE
QUARTEL GERAL

N.º

BIBLIOTECA
LOURENÇO MARQUES

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

1 9 3 7

ARTUR DE PAIVA

I

OS SEUS PRIMEIROS SERVIÇOS—OS BOERS

Algumas das campanhas de ocupação, que se realizaram na África portuguesa no último quartel do século passado e no primeiro do século actual, tiveram justa retumbância no país, popularizando os que as dirigiram ou nelas colaboraram, os quais tiveram a ventura de ver os seus nomes aureolados de glória e os seus relevantes serviços reconhecidos e consagrados. Outras, porém, mais modestas de organização, com os recursos próprios das Províncias, ainda que, também, de importantes objectivos, e que não foram nem menos trabalhosas nem menos eficazes, não conseguiram que os ecos das vitórias alcançadas e das inclemências sofridas, transpondo os mares, chegassem à metrópole, fora dos meios oficiais, quantas vezes desinteressados e desdenhosos. E assim, da mesma forma, aqueles que nelas tomaram parte — e tantos são — ficaram ignorados ou são já esquecidos.

Dentre estes um nome avulta pela sua acção denodada e per-

tinaz, exercida em Angola durante 26 anos — de 1874 a 1900 —, principalmente na parte sul da província, que é o de Artur de Paiva. Assim, o combatente da coluna de operações no Duque de Bragança e em Ambaca, onde recebeu o seu baptismo de fogo, logo no ano em que assentara praça; o alferes comandante da fôrça que bateu em rija refrega o sobado rebelde do Jau; o expedicionário a Caconda e depois ocupador da região que se alastra até o longínquo Cubango, onde montou o forte «Princesa Amélia», em 1886; o valoroso dominador da rebeldia do gentio nesta mesma internada região, três anos depois; o heróico comandante da expedição ao Bié, em 1890, vingadora da afronta a Silva Pôrto, e daquela outra expedição que castigou o morticínio do pelotão do Conde de Almoester, em 1898, bem merece que se procure fazer sair o seu nome da obscuridade e do esquecimento em que se tem mantido e que se lhe dê o lugar que lhe compete na galeria dos heróis consagrados pela sua nobre acção africana.



Artur de Paiva, filho de Bartolomeu José de Paiva e de D. Teresa de Jesus Ferreira, nasceu na cidade de Leiria a 9 de Março de 1856, e, tendo ido para Angola com seu pai, aí assentou praça, quando apenas tinha 18 anos de idade, no Batalhão de Caçadores n.º 3 daquela Província.

Logo seis meses após o seu alistamento, fêz parte das fôrças que operaram na região do Duque de Bragança e na área das divisões do Pari e Hari de Ambaca, e de tal maneira se comportou que foi louvado em Ordem à Fôrça Armada de 18 de Dezembro de 1874. Bem cêdo, pois, começava revelando as

excelsas qualidades militares que tão exuberantemente manifestaria pela vida fora, vida que não foi longa mas que foi esmaltada pelos mais úteis e mais nobres cometimentos, não só nos combates contra o gentio insubmisso, que não aceitava de bom grado a ocupação portuguesa, mas ainda em missões as mais diversas ligadas ao sul de Angola e à sua colonização, sendo algumas de carácter científico.

Em 1880 foi promovido a alferes e pouco depois colocado, como representante da autoridade, junto da nova colónia boer recentemente instalada na Humpata, com autorização do governo português, depois do formidável *treck* de mais de 2.000 quilómetros realizado por êsses mil individuos de ambos os sexos, que do Transvaal se transportaram em duzentos e tantos carros.

Tôda essa multidão, sem guia nem destino, num desejo invencível de independência, pertencia à seita conhecida pelo nome de *doppers*, em que o calvinismo se mantinha com rigor, e procurava apenas fugir ao domínio inglês que ali se acentuava pela anexação. Por isso se lançou nessa audaciosa marcha através do deserto de Calaari e da Damaralândia, arrostando com a morte, com inclemências e privações de tôda a ordem e travando lutas freqüentes com os negros, pelo que alguns desistiram do seu ousado intento, ao passo que os outros continuaram nesse êxodo, debaixo do comando de Jacobus Friedrik Botha — verdadeiro patriarca — ficando assinalado o caminho seguido com as sepulturas, abertas à pressa, dos que a morte ceifava e com as carcassas dos bois, que a fome e a sêde não poupavam.

Atingindo o rio Cubango, depararam com o benemérito padre Duparquet, da Congregação do Espírito Santo, que lhes aconselhou a ida para a Hufla, onde, finalmente, chegaram em

Dezembro de 1880, após cinco anos de trabalhos penosos e de intensos sofrimentos físicos e morais, e dali seguiram, depois, a instalar-se na Humpata.

Uma vez aí, a sua acção faz-se logo sentir pela abertura de estradas em tôdas as direcções, que permitissem o trânsito dos seus pesados carrões de quatro rodas puxados por *spans* de oito, dez ou doze juntas de bois, viação esta que até então não era usada e que se generalizou pelo sul de Angola. Dentro dêstes carrões se vivia e até se nascia e morria, por detrás dêles se defendiam do ataque do gentio e de cima se abatiam as feras que, ao cheiro do gado, assaltavam o *laager* por êles formado.

A colónia boer, que teve influência no planalto debaixo de certos pontos de vista, foi bastante hostilizada, não obstante o que progrediu, graças ao apoio que recebeu do governador geral, Ferreira do Amaral, e do governador de Mossâmedes, Sebastião Nunes da Mata, tendo sido mesmo naturalizados portugueses, por si e seus descendentes, em 1882, mas isentos do serviço militar.

A intervenção de ingleses fêz com que alguns dêles pensassem em nova migração, indo estabelecer-se na Damara, concorrendo, também, para tal a mortandade do seu gado, as intrigas que não cessavam e sobretudo o seu espírito irrequieto e independente.

Artur de Paiva opôs-se tenazmente a tal resolução, não conseguindo, porém, impedir que uma parte da colónia, instigada principalmente pelo auxílio pecuniário que lhe oferecia um ministro protestante vindo do Cabo, fôsse para a Damara fundar a República Upingónia, nome derivado do então governador do Cabo da Boa Esperança, e que teve bem efémera duração, voltando para a Humpata quási tôdas as famílias que a tinham ido constituir.

Nos seus relatórios, Artur de Paiva faz notar o que o plano deve à acção dos boers, que diz possuírem qualidades dignas de consideração, como são a valentia e a energia que os caracteriza, a par de defeitos de que não são isentos. Assim, religiosos, vivendo debaixo do influxo da Bíblia, sua única e diária leitura, cumprem as leis morais ali prègadas; classifica-os, porém, de interesseiros e arguciosos e de terem em alto grau o prejuízo da còr, odiando o prèto, e serem dotados de uma altivez que os torna insubmissos e indisciplinados.

Lamenta, contudo, que a tentativa de colonização portuguesa, visando o cruzamento com boers, fòsse mal orientada e por isso mal sucedida, devida principalmente à inferioridade dos colonos que para ali foram mandados, com os quais os boers, vaidosos da sua descendência de velhas famílias holandesas ou de nobres huguenotes franceses, jàmais se poderiam ligar, mesmo que conseguissem remover o principal obstáculo a tal cruzamento: a diferença de religião.

Èle próprio deu o exemplo casando com uma jovem, filha de Jacobus Botha, o respeitável chefe daquela penosa peregrinação, e a qual se chamou Jacquemina Gertruide Elisabeth Botha de Paiva, digna e corajosa companheira nas lutas acérrimas que Artur de Paiva teve de sustentar em defesa dos direitos de Portugal naqueles, então, ínvios sertões do sul de Angola, e há pouco falecida em Lisboa, sem que fòsse lembrado o homem ilustre a que se ligara e dedicara.

Todavia, é certo, se prestaram freqüente e útil auxílio nas lutas contra os povos gentílicos, êsse auxílio foi sempre bem remunerado e reconhecido, e a sua acção colonizadora não correspondeu ao que se esperava, dadas as suas tendências erradias, sendo principalmente criadores de gado, carreiros destros e caçadores eméritos e não se ligando à terra para a explo-

rar como verdadeiros agricultores, pois só cultivavam o indispensável para satisfazer as suas necessidades.

Em 1882, Artur de Paiva viu-se obrigado a pedir autorização para castigar com o destacamento do seu comando o sobado de Jau, que era um cóio de ladrões e cujo soba era o terror de Mossâmedes.

A autorização foi-lhe dada com a recomendação expressa de não se internar nas terras de tão temido potentado, devendo limitar-se a dominar a Bata-Bata. Resolveu, porém, — conforme escreveu — cortar o mal pela raiz e bater o Jau, o que fêz em poucos dias, e em seguida Bata-Bata, Palanca, Lubango e Gunga, pondo assim têrmo aos roubos repetidos de gado, que mal dispunham os boers e os levavam a violências, e conseguindo iniciar a cobrança do imposto de cubata, sem resistência, cobrança que pela primeira vez se fazia entre os indígenas do distrito de Mossâmedes, que, nessa época, abrangia o planalto.

Não deixou essa iniciativa de lhe causar dissabores por o chefe da Hufla não ter visto com bons olhos o que julgava desrespeito às suas instruções, mas logo nesse mesmo ano, em Dezembro, era nomeado chefe do concelho da Humpata e, por decreto de Agosto de 1883, agraciado com o grau de cavaleiro da Tôrre e Espada pela energia e corágem de que dera provas naquelas operações.

Ainda, em Janeiro de 1883, foi valioso o auxílio que prestou ao chefe do concelho da Hufla, capitão de 2.^a linha Pedro Chaves, para sufocar a rebelião do gentio das circunvizinhanças, coligado para atacar a povoação, pelo que foi louvado por portaria régia.

II

A OCUPAÇÃO DO CUBANGO

Promovido a tenente em 1883, era nomeado, em Janeiro de 1885, para proceder à organização dum contingente, que faria parte da expedição, que em Caconda se estava preparando, destinada a alargar a ocupação até o rio Cubango, onde deveria ser construído um forte, expedição que era comandada pelo capitão João Ernesto Henriques de Castro.

Começou aqui a vida mais aventureira de Artur de Paiva, durante a qual percorreu os sertões do sul em todos os rumos, a-fim-de impor a soberania ou castigar uma rebeldia, com essas colunas de singular composição, onde predominavam auxiliares brancos e pretos e que apenas dispunham de um pequeno núcleo de tropas regulares, colunas que tão depressa as tintas frescas da aurora começavam a manchar o azul do céu se podiam ver a serpentear ao longo dos trilhos, como se fôsem grandes formigueiros, até que a tarde agonizava num estertor rápido e o sol incendiava as nuvens antes de se afogar no horizonte.

Umaz vezes sofrendo as ardências dum sol inclemente, outras debaixo de chuvas diluvianas, lá iam elas atravessando desoladas planícies, penetrando sombrias florestas, trepando escal-

vadas encostas, descendo convulsionadas ravinas ou vadeando cursos de água impetuosos, vencendo assim a resistência passiva da natureza bruta — a *fera natura* — mais hostil que a selvajaria dos homens e a ferocidade das feras.

No seu relatório de 28 de Abril de 1886, publicado nos boletins da Sociedade de Geografia de Lisboa, de despretençiosa singeleza, como todos os que escreveu, ainda que revelando as suas qualidades de decisão e energia e fornecendo informações úteis e apreciações criteriosas, diz ter partido da Huíla em 20 de Fevereiro de 1885, depois de fazer algumas observações astronómicas para a determinação de coordenadas que serviriam de base ao itinerário, que nunca deixou de levantar, e ter chegado a 13 de Março a Caconda, após uma marcha cheia das usuais dificuldades, realizada em plena época das grandes chuvas, sendo necessário abrir caminho a machado através das matas e vencer as linhas de água transformadas em lodaçais.

Reunindo-se ali ao capitão Henriques de Castro, tóda a expedição composta de 400 pessoas, sendo três os oficiais e 120 os soldados e os restantes *bastards* e *mucancalas* com as suas famílias, inicia a 13 de Abril a marcha com o fim de atingir o Cunene e seguir para o norte pelo vale dêste rio.

Junto a êle, onde chegaram a 2 de Maio, tiveram de castigar o gentio do soba Tende que se manifestava atrevido e insolente, tendo o soba o desplante de mandar um moleque, simulando ser êle próprio, fazer a usual visita ao acampamento. Para tal castigo organizaram-se pequenos destacamentos que, por suprêsa, atacaram as diversas *libatas*, corajosamente defendidas pelos seus habitantes.

Atravessando o Cunene, reconheceram que não podiam prosseguir sem garantir os abastecimentos, estabelecendo um depósito de mantimentos, e sem que a fôrça, composta de recrutas

mal instruídos, fôsse substituída. Assim, demarcando um forte junto à *embala* dos *ambuelas* e ao rio Tchitanda, afluente do Cunene, e a três horas de viagem da missão católica do benemérito padre Leconte, retrocederam, dirigindo-se à Humpata.

No fim dêste relatório diz Artur de Paiva:

«Do Cubango ao Cuando é um passo e do Cuando ao Zambeze é um salto, mas um salto bem feliz para a nação europeia que o der e que eu bem desejava que fôsse a portuguesa».

Vivia-se nessa época, nos meios que se interessavam pelas coisas ultramarinas, a Sociedade de Geografia à frente, debaixo da hipnose do mapa «côr-de-rosa», mapa em que Angola e Moçambique apareciam unidas por uma aguada dessa côr, síntese da política que visava a ligação das duas costas através da África tropical, onde a influência portuguesa era notória.

Era velha de séculos essa política, como era essa influência. Assim já Frei João dos Santos, na sua «Etiópia Oriental», diz ter visto em Sofala um cobertor de papa, trazido de Angola, comprado por um português no reino de Manica, a mercadores cafres. Mas essa velha política era, no entanto, há 60 anos inoportuna e irrealizável, uma vez que outro imperialismo — o inglês —, manobrado por Cecil Rhodes, nos ameaçava cortar o caminho.



Como não se desistisse da ideia da ocupação do Cubango, nova expedição se organizou, no cacimbo do ano imediato, na Humpata, essa então já debaixo do comando de Artur de Paiva, que deveria ir primeiro ao Humbe, caso o estado de guerra nessa região continuasse, e pacificada ela atravessaria o Cambo e o Mulondo e pelos *ambuelas* seguiria ao seu destino.

Não foi necessária tal diversão e a expedição, reduzida a 52 brancos e 50 soldados pretos, com 11 carros, 1 peça de artilharia e o gado indispensável para os transportes, levando encorporados o capitão de 2.^a linha Augusto de Sousa e o tenente, também de 2.^a linha, Miguel Duarte de Almeida, partia da Humpata para a Hufla a 19 de Abril de 1886 e daqui, a 24, marchava para o seu objectivo.

Num carro puxado a burros seguia Artur de Paiva, que se fazia acompanhar de sua mulher e de um filho de três anos, e dentro dêle dormiam.

Com os trabalhos usuais nesses tempos: carros que se partiam e se voltavam, gado que fugia, caminhos que era necessário abrir, baixas temperaturas nocturnas que gelavam a água, a contrastar com as diurnas, e febres e mais manifestações palustres que atacavam brancos e pretos, não sendo poupadas a sua própria espôsa e a do tenente Almeida, tratando de todos com o maior cuidado, à falta de médico, atingiu Quipango a 23 de Maio.

No dia 3 de Junho chegam ao Cunene, que atravessaram com dificuldade, pois o rio levava muita água, e aqui, em lugar de se dirigir à região dos *ambuelas*, conforme a sua primeira intenção, resolveu tomar pelo caminho mais curto em direcção ao Cubango, para o que, subindo para N. E., procura alcançar o paralelo 14° S. e seguir ao longo dêle até êste rio, o qual desceria por uma das margens em busca de local adaptado ao forte projectado.

Nesta época, ainda, estas regiões angolanas eram assoladas pelas correrias anuais das chamadas *guerras* com o fito de apreender gado e aprisionar mulheres e crianças, porquanto havia já ali a noção verdadeira da riqueza que para um país é a sua população. Da parte habitada pela raça *nano*, isto é, dos *países de cima*, que compreendem os territórios de Caconda,

Huambo, Galangue, Sambo, Bailundo e Bié desciam essas guerras, como de além do baixo Cunene vinham as dos *hotentotes* e depois as dos *cuanhamas*, que eram o terror das povoações.

Este estado de coisas foi-se modificando com a ocupação e de há muito tais correrias cessaram, e não só essa parte de Angola como tôda ela percorre-se de lés-a-lés, com uma segurança que não se garante em alguns países da civilizada Europa.

Mas nessa ocasião os rumores da aproximação de uma *guerra de Nano* espalhavam-se no sertão, o que obrigou Artur de Paiva a tomar precauções e originou a deserção da parte dos soldados pretos de uma fôrça que o alferes Almeida comandava e que vinha de Caconda reforçar a expedição. Pretextavam êles que o Cunene tinha feitiço e que, por tal motivo, não o podiam atravessar, pretendendo, assim, encobrir o mêdo que os dominava.

Depois de várias peripécias, a 15 de Julho estava, finalmente, no Cubango, onde sem demora o foi cumprimentar, com todo o cerimonial, o herdeiro do grande soba dos *ganguelas* — o *Catoco* — de imenso poderio naqueles sertões, que se transportava numa *tipóia*, acompanhado de muitos dos seus súbditos, um dos quais trazia a indispensável cadeira com assento de coiro e outro um protocolar guarda-sol, e ainda da charanga da côrte, pela sua composição rivalizando com o infernal *jazz-band* dos tempos actuais, que delicia a mocidade que se julga hiper-civilizada. A frente não deixou de enviar o *calé* pedir licença para entrar no acampamento.

Escolhido local adequado para o forte, na margem esquerda do rio, foi içada a bandeira portuguesa, saúdada por uma salva de artilharia e lavrado um auto que o soba, depois de se avasalar, tomando o nome de D. Guilherme Dilunga Serpa Pinto, assinou de cruz.

Mandou Artur de Paiva, em obséquio ao soba, que as bôcas de fogo fizessem alguns tiros com granada, para observar os quais êste se colocou prudentemente atrás, espreitando por cima dos ombros dos seus súbditos.

Construído o forte, que estava terminado a 9 de Agôsto, foi-lhe dado o nome de «Princesa Amélia», em homenagem à futura Rainha de Portugal, e a expedição retirou, deixando-o devidamente guarnecido e abastecido, não sem que tivesse ainda de perseguir uma *guerra cuanhama*, que se afastou rapidamente, sabendo da sua presença ali, conseguindo levar 30 rapazes e raparigas, tendo morto 6, não lhe sendo possível, dada a rapidez da fuga, levar o gado apreendido.

Dirigindo-se ao Dongo, aí levanta o forte «Maria Pia», nome da rainha reinante, o qual facilitava a ligação entre o Luceque e o Cubango, e segue depois para o Cunene com o intuito de sôbre êle lançar uma ponte, não o tendo realizado em vista da estação do cacimbo estar muito adiantada; e, assim, atravessando para a margem direita, encaminha-se pelo Luceque, Quipango e Hufla para a Humpata, onde estava a 19 de Setembro, dando por cumprida a sua missão.

No relatório datado de 25 de Novembro de 1886, também publicado no boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, cheio de informações relativas ao carácter geológico do país, à fauna, à flora e ainda à índole do prêto, faz judiciosas considerações respeitantes à natureza das fôrças militares que deveriam organizar-se, nas quais predominaria a infantaria montada composta de soldados brancos, indispensável numa região onde viviam tantos colonos estrangeiros com todos os preconceitos da raça e tão ameaçada pelas correrias periódicas do gentio.

Diz ainda no mesmo: «Com as fôrças que eu esperava de Caconda e Mossâmedes tencionava não só concluir o forte de



Artur de Paiva

Cassinga e deixar ali 20 soldados para proteger os missionários e os povos contra as correrias dos cuanhamas, fazendo recolher tudo no forte em caso de ataque, como avançar até à margem do Cuíto e estabelecer ali mais um outro no Cutato, um pouco para o Sul. Faltou-me, porém, a gente para os guardar».

«Como o Cuando é navegável pelo menos até Leniaste e fica relativamente perto (umas 70 léguas do forte «Princesa Amélia»), desejava, caso me fôsse possível, ocupar todos aqueles territórios e lançar assim mão duma magnífica via fluvial para Moçambique. Neste sentido fiz o mais que me foi possível».

Assim se vê que a ideia da ligação das duas costas africanas era persistente no seu alto espírito.

Durante os anos subseqüentes, a actividade inteligente e patriótica de Artur de Paiva não deixou de ser utilizada. Em 1888, exonerado de chefe do concelho da Humpata, é o major de engenharia Joaquim Machado — um grande nome da vida ultramarina dos finais do século passado, ilustre pioneiro do Império — quem o requisita para o auxiliar na missão que tinha por objectivo o estudo de uma linha férrea que, transpondo a desolada zona deserta do litoral, ligasse Mossâmedes ao planalto, cuja utilidade e necessidade os exploradores Capelo e Ivens insistentemente tinham apontado.

Pouco tempo, porém, durou essa missão, pois logo em Janeiro do ano seguinte é nomeado para comandar novo destacamento de fôrças que sustasse a invasão dos *hotentotes*, tidos como bons atiradores e possuidores de armas finas e de alguns cavalos, e em Junho do mesmo ano é encarregado por portaria régia de proceder ao reconhecimento geral do extenso território que vai da região da Humpata à do Bié, o qual executou quando foi submeter esta última.

III

A REVOLTA NO CUBANGO

A ocupação, todavia, no longínquo Cubango não se tinha firmado. O gentio revoltara-se e atacara e incendiara o forte «Princesa Amélia» e a missão da Congregação do Espírito Santo que lhe estava próxima, dirigida pelo padre Leconte, que a custo salvou a vida, bem como o capitão Silva Marques, comandante daquele forte, levado a tal procedimento pelas intrigas do soba Tchiuaco que afirmava nada terem com o govêrno de Benguela, que reconhecia representante do Muene-Puto, os missionários e o capitão Marques vindos da Huíla.

A situação tinha assumido gravidade extrema, havendo receio de que também a missão e o forte de Cassinga não fôsem poupados às iras do soba, que, aliado a diversas tribus vizinhas, se calculava poder dispor de 15.000 combatentes.

De novo se recorre a Artur de Paiva, já então capitão, para organizar e comandar uma coluna, de que faziam parte o tenente de 2.^a linha Duarte de Almeida, o alferes do esquadrão, Paulo Amado e os de caçadores António Pereira e João Pinto de Queiroz, e que se compunha de 78 sargentos e soldados de caçadores, 18 de cavalaria, 42 auxiliares boers, 24

boschimanos e 88 *damaras*, prefazendo um total de 250 homens, aproximadamente.

Iniciou êle a marcha da Humpata a 19 de Agôsto de 1889 em direcção ao Cubango e a 14 de Setembro estava no forte «D. Maria Pia», onde soube que, havia quinze dias, passara perto de Caconda uma *embaca* de 200 carregadores, apenas transportando pólvora para o Tchiuaco.

Aproveitando o oferecimento do tenente de 2.^a linha Almeida, enviou-o em reconhecimento a-fim-de avaliar a gente de que disporia e o estado de ânimo do mesmo soba, a quem mandou dizer que sentia ter êle, Tchiuaco, faltado a tôdas as suas promessas e que estava resolvido a ir ali colocar de novo o forte, rompendo as hostilidades se na sua passagem encontrasse gente armada.

O tenente Almeida desempenhou-se com muita coragem e abnegação de tão arriscada missão, e o soba em questão mandou dizer que não queria lá padres nem o capitão Marques, mas que não se oporia a que se reconstruísse o forte com a condição daquele tenente passar a comandá-lo. Acrescentou o tenente que lhe parecia estar o gentio do país na resolução de apoiar o Tchiuaco, sobretudo o da *libata* do Cutato, e que as passagens do Cubango estavam já guardadas e o *lombe* do soba fortificado a tôda a pressa.

De posse destas informações, Artur de Paiva não hesita e em 24 de Setembro partia do Dongo com a expedição, tendo pouco depois conhecimento de que o soba convocara, também, gente dos Luchases e tinha feito aliança com outros potentados.

Prosseguindo no avanço para o Cubango, foi tomando disposições para o caso de ataque e protegendo-se pela cavalaria, notando que o gentio se encontrava armado e com ares de desconfiado, ainda que se dissesse neutral.

O seu intento era romper as hostilidades só depois de atravessar o Cubango, onde chegou no dia 2 de Outubro, avistando as ruínas do forte «Princesa Amélia» e reconhecendo que todos os vaus do rio estavam guardados por gente armada, cuja atitude era, pelo menos, atrevida, senão hostil.

As negociações que entabou para a travessia fracassaram, em vista das exigências do gentio, que logo, caída a noite, fêz ressoar os *batuques* num ruído infernal, de que se destacavam assobios estridentes alternados com cantos guerreiros, cantos em que apregoavam um lauto banquete com os bois dos carros e um outro não menos agradável para os abutres, lobos e hienas com os cadáveres dos brancos.

De que fôrças disporia o Tchiuaco? Pelas informações que Artur de Paiva tinha colhido não havia em campo mais de 2.000 negros, mas se o Tchiuaco fôsse auxiliado pela gente de outras *libatas*, que atacassem a coluna pela retaguarda, era de prever que êsse número subisse a 10.000 negros, porquanto sabia-se que, quando do assalto à missão, só na margem direita do rio havia 3.000 a 4.000.

Às 6 horas da manhã do dia 3 iniciou-se o avanço para o rio Cubango, ficando os carros no acampamento com as mulheres e crianças, e logo o gentio corre em massa para o rio e um dos seus capitães, no vau, bradava em altos gritos:

— Aqui não passa ninguém!

Foi êle, porém, a primeira vítima, caindo logo por terra atingido por uma bala. Desencadeava-se assim a fusilaria.

A cavalaria passou, sem demora, a galope o vau dos carros e foi atacar o gentio pela retaguarda, ao passo que a infantaria, passados os primeiros momentos de hesitação, inicia um fogo disciplinado, por descargas.

O comandante, derrubado do cavalo em que montava,

corre para a *libata*, para onde uma fôrça de cavalaria se dirige a galope, sendo acompanhado pelo sargento Moraes que fizera avançar a sua secção.

Dentro em pouco a *libata* era batida pelos fogos de outras secções, ao mesmo tempo que uma bôca de fogo alvejava o *lombe* do soba — assim chamada a sua moradia — rodeada de uma palissada, fazendo fugir espavorido o gentio que procurava pôr-se a salvo.

Para evitar barbaridades, Artur de Paiva proibiu os auxiliares *damaras* de entrarem na *libata* e protegeu as mulheres e as crianças que dali se tinham evadido, como sempre desta maneira humanitariamente procedia.



Estava assim alcançada a primeira vitória, mas faltava aprisionar o soba Tchiuaco. Apressa-se, para isso, a mandar chamar o *seculo* Lhambeze, que não tomara parte no ataque à missão e arrecadara os objectos do reverendo padre Leconte, a quem, ainda, forneceu carregadores para se retirar, e intimou-o a voltar no dia seguinte com seu pai, o velho soba grande do Catoco — o Dilunga — impondo a êste a entrega do Tchiuaco no prazo de três dias.

Entretanto, ia castigando os sobas que tinham colaborado com aquele nesse ataque e assaltando aquelas *libatas* onde presumia que o rebelde se tivesse refugiado, fazendo o maior número possível de prisioneiros e apreendendo o gado que se encontrava, e para tal, freqüentemente, debaixo de chuva torrencial, foi até às margens do Cutchi.

«Dias inteiros a cavalo — narra Artur de Paiva — molha-

dos até aos ossos, em marchas e contra-marchas através de rios e matas fechadíssimas, atacando ocasionalmente qualquer *libata* ainda de pé, andavam oficiais, soldados e auxiliares sem soltar a menor queixa, dia a dia mais acérrimos à caça de Tchiuaco, que por vezes se nos escapara milagrosamente. As fôrças a pé, estafadas, faltas de dormir e muitas vezes de mantimentos não afrouxaram no cumprimento dos seus deveres mostrando igualdade».

Não tendo conseguido a prisão do soba, muito embora promettesse a libertação dos prisioneiros tão depressa aquela se efectuasse, tinha resolvido deter o soba grande do Catoco quando, a 4 de Novembro, ao pôr do sol, o Tchiuaco é trazido, amarrado, ao acampamento por gente do Lhambeze, tendo sido preso em Mussinda, umas 15 léguas ao norte.

Soltos imediatamente os prisioneiros, conforme o prometido, no dia 5 levantou campo, e, deixando no forte «Princesa Amélia» o capitão Silva Marques, seguiu em direcção a Cassinga aonde chegou a 13 de Novembro.

Aqui, visita a missão católica de que era superior o padre Schaller, também da congregação do Espírito Santo, que lhe merece as mais encomiásticas referências, e, reconhecendo a necessidade de um representante do govêrno naquelas paragens, deixa o tenente de 2.^a linha Almeida com um pequeno destacamento, o que justificava por ser o vale do Cubango o único caminho para os carros dos caçadores e negociantes que do lago Ngami vinham à Humpata e a Cassinga, ponto obrigado da passagem em vista da hostilidade das trîbus *cuanhamas*, *ovampos* e *hotentotes*.

Escrevia Artur de Paiva que para os caçadores não faltavam, então, naqueles sertões os elefantes, e atrás dêles eram de prever os negociantes, depois os exploradores e finalmente,

como era costume, os espoliadores, e assim fundamentava o alvitre apresentado e a disposição adoptada, aparentemente insignificante, mas de utilidade futura.

Saindo a 18 de Cassinga, estava a 4 de Dezembro na Humpata, sendo a 31 dissolvida a coluna, cuja derrota daria lugar à aliança das tribus *ganguelas*, designando com este nome os povos que habitavam a região que se estende do Cubango ao Zambeze, e à invasão no distrito de, pelo menos, 30.000 negros que não hesitariam em se apresentar às portas de Mossâmedes, como em 1860 fizera uma poderosa *guerra do Nano*, que, depois de assolar a Huíla, Jau e a Humpata, desce a serra e ameaça aquela cidade, cujos moradores chegaram a refugiar-se, em barcos, na baía.

No final do seu relatório, mais uma vez bate a tecla da ligação das duas possessões portuguesas, numa visão inteligente do aproveitamento da navegabilidade dos rios, aspiração de todos os que então se interessavam pelas coisas africanas e assim escreve:

«Era para nós duma vantagem incalculável a posse do vale do Zambeze até ao Zumbo. O que muitos julgarão, talvez, o produto duma imaginação exaltada, é, contudo, um facto de realização relativamente fácil, muito principalmente enquanto as atenções se voltarem para o Niassa. Devemos por isso construir imediatamente a linha férrea de Mossâmedes ao Bié, estudar o curso do Lungo-e-Ungo, afluente do Zambeze, e na possibilidade de nêlo estabelecer, como no Cuanza, a navegação de pequenos vapores, entestá-la com aquele rio, lançando-nos assim no Zambeze, cujos rápidos se passariam por meio de curtas linhas férreas, ou melhor ainda, sendo o Cafué navegável, atravessar pelo caminho mais curto e distância que separa Lialui daquele rio por uma via de 250 quilómetros, pouco mais

ou menos. Ficava assim estabelecida a navegação pelo Lungo-e-Ungo e Zambeze e Lialui, que, ligado pela linha terrestre ao Cafué, continuaria a navegação por êste e pelo Zambeze até ao Zumbo. A não ser navegável Lungo-e-Ungo, temos o Cuando a 400 quilómetros do forté «Princesa Amélia».

Louvado por portaria do Govêrno Geral de 20 de Fevereiro de 1890, pela forma como comandou esta coluna, foi ainda por portaria régia de Abril do mesmo ano agraciado com o grau de official da Ordem da Tôrre e Espada de valor lealdade e mérito.

IV

A REVOLTA NO BIÉ

Poucos meses, apenas, eram decorridos quando os acontecimentos do Bié exigiram a ida ali de uma expedição punitiva, e para o seu comando, de novo, se recorre ao capitão Artur de Paiva.

É que o soba do Bié — Dunduma —, da *embala* grande do Ecovango, tinha-se revoltado e desrespeitado Silva Pôrto, dando lugar ao trágico suicídio do velho sertanejo, fazendo explodir catorze barris de pólvora, no meio dos quais se colocara, depois de se embrulhar na bandeira portuguesa, que fôra feita por suas próprias mãos, e que «durante 40 anos arvorava e sustentava lá, dia a dia, como guarda avançada da civilização e da Pátria», conforme escreveu Luciano Cordeiro.

¿Mas o que tinha originado a revolta daquele soba? Vejamos.

O, então, capitão de artilharia Henrique de Paiva Couceiro, um dos lídimos obreiros do Império e que foi notabilíssimo governador geral de Angola, fôra encarregado pelo Governo da Metrópole de ir ao Barotze com o objectivo político de colocar esta região debaixo do protectorado de Portugal, antes que os ingleses, a quem se presumiam iguais intentos, o fizessem.

Seria acompanhado nessa missão pelo capitão Justino Teixeira da Silva, capitão-mór do Bailundo, e no Bié se deveria organizar a expedição e angariar os necessários carregadores.

Intrigas, porém, a que não seriam alheios missionários estrangeiros vivendo na região, dispuseram mal o soba que, supondo ameaçada a sua autoridade, intimou a retirada daqueles oficiais. Quando Silva Pôrto o procurou na *embala*, logo que tal soube, a-fim-de o convencer da semrazão da sua atitude, não o atendeu e permitiu que os áulicos, que o rodeavam, em alta grita desrespeitassem o venerando ancião a quem tanto devia, puxando-lhe até pelas barbas e mostrando-lhe o machado com que, segundo diziam, o haviam de decapitar.

Nestas condições, Silva Pôrto, não lhe passando pela cabeça a ideia da fuga, êle que tinha já uma longa existência encahecida naqueles sertões, mantendo sob a sua guarda um pôsto avançado do domínio português, recorreu a esta solução extrema, sacrificando a vida e destruindo a bandeira que não podia admitir que fôsse arreada por ordem de um selvagem êbrio e sangüinário.

Dada a morte de Silva Pôrto, de quem os ferimentos ainda foram pensados por Paiva Couceiro, mas cujo coração de 72 anos não resistiu ao choque sofrido, a revolta generalizou-se.

A residência do vêlho sertanejo e as casas de Belmonte foram saqueadas e incendiadas e aqueles dois oficiais viam-se forçados a retirar, ameaçados por grande multidão de negros e dispondo apenas de 20 soldados moçambicanos, pois outros tinham desertado, depois de grande hesitação e relutância de Paiva Couceiro que só se resolveu a fazê-lo quando Teixeira da Silva, em vista das suas recusas, lhe disse:

— Pois então, eu, autoridade, vou tentar retirar sòzinho e sôbre si recai a responsabilidade das conseqüências.

Conseguiram, assim, atingir Cambange, na fronteira do Bié, indo, em seguida, Teixeira da Silva tratar com o soba do Bailundo para não se opôr à passagem de tropas de refôrço, já pedidas para Benguela.

Couceiro ficou ali até que recebeu ordem para nova e importante missão às terras de Mucusso, pois a ida ao Barotze, conjugada com a vinda de Serpa Pinto de Moçambique com o mesmo objectivo de ligar as duas costas, fôra posta de parte depois do ultimato que pela Inglaterra nos foi feito em 11 de Janeiro de 1890, e que pôs termo à nossa política imperialista que chocava com o seu imperialismo.

Na execução dessa outra missão, Paiva Couceiro efectuou uma marcha a pé de 1.335 quilómetros em 72 dias, avassalando muitos sobas e reconhecendo o rio Cubango debaixo do ponto de vista da sua navegabilidade. E essa missão fêz-lhe modificar «o que tinha na ideia, e que era não sair donde estava nem cortar as barbas senão em cima da *embala* do soba do Bié», segundo escreveu a um amigo.

*
* *

Nomeado, pois, Artur de Paiva comandante da coluna expedicionária ao Bié, por portaria do Govêrno Geral de 12 de Julho de 1890, tratou da sua organização com tal rapidez que a 8 de Agôsto iniciava a marcha da Hufsa, por Quipungo e Luceque, e estava a 10 de Setembro em Caconda, onde o esperava o governador de Benguela, Paula Cid, que lhe levava algum gado, fazendas e ferramentas.

Aqui, também, encontrou-se com o padre Leconte, que foi de parecer que seriam grandes as dificuldades que ia encontrar,

porquanto julgava que os povos do Sambo, Huambo, Bailundo e Ganguelas do norte se juntariam aos do Bié para a resistência, o que lhe avigorou a intenção de tomar a *embala* e ocupar o país, custasse o que custasse, pois, não sendo bem sucedido, o esmagamento por tão elevado número de adversários seria fatal, uma vez que a retirada era impossível.

Tendo-se sucessivamente reunido os diversos elementos, faltando apenas a força do Bailundo com o capitão-mór Teixeira da Silva e o alferes Falcão, que se juntaram mais tarde, a 18 de Setembro partia de Caconda, compondo-se, então, a coluna de 9 oficiais, 10 sargentos, 354 cabos e soldados de artilharia, cavalaria e caçadores, 218 auxiliares portugueses, boers, *bastards* e *damaras*, somando ao todo 882 indivíduos, dos quais 591 combatentes.

Faziam parte da coluna 50 carros puxados por 800 bois, duas peças de artilharia Krupp, duas outras de calibre 8 cm., duas metralhadoras Nordenfelt, sendo a artilharia comandada pelo alferes Quintino Rogado, a cavalaria pelo alferes Paulo Amado e a infantaria pelo alferes Simpliciano de Almeida, valorosos oficiais que foram, nesta e noutras campanhas, auxiliares prestimosos de Artur de Paiva.

Os voluntários seguiam debaixo do comando de Filipe Skippers e nêles se contavam os portugueses Conde da Silvã e Nunes Correia, e o serviço de saúde ia a cargo do médico António Bernardino Roque.

Desde Caconda que ia na frente uma força de 100 homens, comandada por um oficial, para abrir caminho a machado, construir pontes nos cursos de água e preparar a passagem nos lodaçais que os marginavam, e assim atingiram o rio Cuando ao longo do qual seguiram, procurando lugar azado para a sua travessia, que encontraram a 28 de Setembro, não esquecendo

nessa data de dar, ao meio dia, uma salva de 21 tiros por ser o do aniversário natalício dos Reis de Portugal — D. Carlos I e D. Amélia.

Em 1 de Outubro entravam nas terras do Huambo, cujo soba constava estar concentrando gente e a quem Paiva mandou dizer que com êle ajustaria contas mais tarde. Avisou, também, os missionários estrangeiros e os comerciantes portugueses da sua marcha e das suas intenções, aconselhando-os a que se recolhessem à protecção da coluna expedicionária, feito o que seguiu em direcção à *libata* do soba Sambo, torcendo assim o itinerário mais directo para o Bié, por ter conhecimento que êste soba estava na disposição de impedir-lhe a passagem.

Ainda que contra a força que ia na frente tivessem sido feitos alguns tiros, já em terras do Sambo, êste apressou-se a vir repudiar tais intuitos, logo que a coluna acampou junto à *embala*, e, prontamente, pagou a pequena multa que lhe foi imposta.

Dirigindo-se ao Cubango, apresentou-se-lhe, oferecendo os seus serviços, o capitão Paiva Couceiro que regressava da viagem ao Mussuco, atrás indicada, serviços que foram gostosamente aceitos.

A 29 de Outubro estavam nas margens do Cutato e a 30 avistavam já a *embala* de Ecovango, capital do Bié, quando se apresentou uma embaixada do soba, acompanhada pelo missionário americano Sanders, que se declarou contrariado por ter de intervir em tal assunto, o que fazia, no entanto, por temer represálias.

— Que pretende, pois, o soba? — pergunta-lhe Artur de Paiva.

Sanders transmite a pergunta aos embaixadores que encetaram um longo discurso em bieno, recheado de várias exclama-

ções, intercaladas com estalidos dados com os dedos, palmas e outros gestos com que acompanham usualmente a sua exuberante oratória.

Artur de Paiva, já enervado, interrompe-os e diz-lhe:

— Bem, bem, estamos perdendo tempo com tôda esta retórica. Ponto nessa ladaíinha. Que quer o soba?

Sanders informa-o, então, de que o soba mandava perguntar a razão porque vinha a guerra e afirmava que não matara Silva Pôrto, nem fizera mal aos brancos de Mossâmedes. Que lhe dissessem o que havia de fazer para a guerra não avançar mais.

— Diga-lhe — respondeu Paiva — que os seus crimes são: «primeiro, ter insultado Silva Pôrto na *embala*, quando êste lhe foi assegurar que o Govêrno não mandara construir fortaleza no Bié, puxando-lhe ou deixando que lhe puxassem pelas barbas e mostrando-lhe o machado com que lhe haviam de cortar a cabeça, o que deu causa à morte do pobre vêlho, de quem êle e os seus antecessores só tinham recebido benefícios; segundo, que expulsara os capitães, a quem deveria coadjuvar, como lhe tinha sido pedido pelo Govêrno, por intermédio de Silva Pôrto, e não contente com a expulsão, arrependido de não ter sido mais bárbaro, mandara ordens para um *século* da fronteira do Bailundo lhes cortar a cabeça; terceiro, saqueara e queimara a casa do capitão Teixeira da Silva, prendendo soldados do Rei e roubando-lhe o armamento, sem que, até àquela data, se soubesse o que fizera dos soldados. Ora em vista dêstes crimes, o Muene-Puto não podia premiá-lo; se não queria que a guerra avançasse que se me apresentasse sem condições.»

Perante tão tremendo libelo, os embaixadores bienos, sem terem que responder, disseram que iam comunicar ao soba o que lhe fôra exposto e retiraram-se.

Depois de ter dito que o soba certamente resistiria, Sanders retirou-se, também, para ir proteger a sua família, à qual, bem como a êle, Artur de Paiva ofereceu asilo no acampamento.

Ficou, porém, apreensivo, não fôsse o gentio hostilizá-lo, e por isso enviou o alferes Brito dizer aos embaixadores, já a caminho, para fazerem ciente o soba de que se não respeitasse os brancos residentes nas suas terras não deixaria ficar uma *libata* em pé, nem um negro com vida.

A região era muito povoada, mas as *libatas*, que eram em grande número e fortemente organizadas e abrigariam cada uma cêrca de 200 almas, estavam abandonadas, certamente por o gentio se ter concentrado, o que indicava iminente rompimento das hostilidades.

No dia 1 de Novembro travou-se o primeiro combate próximo ao rio Cuquema, já tributário do Cuanza, entre oficiais e voluntários que tinham ido em reconhecimento — uns doze: Artur de Paiva, Teixeira da Silva, Paiva Couceiro, Evaristo de Almeida, Paulo Amado, Falcão, Quintino Rogado e os voluntários Conde da Silvã, Nunes Correia, Beines, Hendriz de Klerk e Stunson — e uns 400 indígenas que estavam à vista, não contando com os que se lobrigavam na mata da margem esquerda, e que arvoravam duas bandeiras que de longe pareciam brancas.

Em campo descoberto, os doze combatentes com a precisão das suas pontarias, não errando alvo, não obstante o gentio se ter estendido em atiradores e abrigado como podia, puseram em debandada aquelas centenas de pretos, que não deixaram de sustentar bem o fogo, durante uns 20 minutos, feito com as suas armas de carregar pela bôca à mistura com algumas «Snyders».

Enquanto tal se passava, o acampamento era atacado mas o gentio, também, repellido.

Depois destes acontecimentos, ainda o soba enviou nova embaixada com uma carta, procurando explicar-se: Que de Benguela lhe tinham mandado dizer que expulsasse os brancos e que julgando ordens do Governo as cumprira, mas que estava disposto a pagar as despesas da guerra.

Houve sempre a preocupação da parte deste gentio de fazer distinção entre as autoridades de Benguela, cuja influência naquelles sertões era de séculos, e as de Mossâmedes, ignorando ou fingindo ignorar que ambas eram delegadas do mesmo poder, que para elles o Muene-Puto sintetizava. Com esta confusão procuravam arteiramente, por vezes, justificar-se.

Artur de Paiva despediu a nova embaixada, devolvendo duas pontas de marfim que ela trouxera, e mandou dizer ao soba que viesse pessoalmente e se abstivesse de mais recados que não estava disposto a atender, e que as despesas da guerra importavam em quinhentas pontas de *pau e corda* — isto é, que só assim se podiam transportar — e que êle próprio deveria trazer.

Tendo mandado uma fôrça a cavalo em exploração, atravessou com a coluna o rio Cuquema, que levava muita água, e foi estacionar a dois quilómetros da *embala*, na intenção de a atacar no dia seguinte, pois o ressoar dos tambores de guerra era sinal bem evidente das disposições belicosas em que se encontrava o gentio.

Mas os acontecimentos precipitaram-se. A fôrça de 30 homens a cavalo saída em reconhecimento, com ordem expressa de não fazer fogo nem o provocar, viu-se envolvida e teve de se defender a tiro, consumindo o municamento que levava.

Em vista deste incidente, do qual o ruído do tiroteio a que

deu origem, ouvido por Artur de Paiva, muito o irritou por se julgar desobedecido, viu-se obrigado a atacar imediatamente a *embala*.

Mandou, pois, avançar os auxiliares disponíveis com cartuchame, para remuniciar a fôrça já em combate, bem assim quatro secções de infantaria e uma bateria de 4 peças, deixando no acampamento as metralhadoras em posição e seis outras secções, debaixo do comando dos alferes Falcão, Fernandes e Brito.

Ele próprio vai reconhecer a *embala*, que era rodeada de uma mata fechada e de uma palissada de pau ferro apoiada em incendeiras, detrás da qual os bienes faziam intenso fogo. Pela chegada dos reforços viram-se obrigados a retirar, passando a defenderem-se no dédalo constituído pelas *libatas* pequenas e no *lombe* do soba.

À ordem de Paiva a bateria entra em posição, a 300 metros da *embala*, tendo por objectivo o *lombe*, sendo cada uma das 4 peças chefiadas e servidas por Paiva Couceiro, Evaristo de Almeida, Paulo Amado e Quintino Rogado — pois elles é que carregavam, apontavam e davam fogo.

O dia findava e era urgente obter uma decisão, pelo que Artur de Paiva seguiu o alvitre de Orlog, chefe dos *damaras*, que lhe dissera:

— Senhor, o dia acaba-se; é melhor saltarmos lá dentro.

Assim fêz. Mandou cessar o fogo da artilharia, que tinha sido eficaz, e avançar três das secções, ao assalto, de baioneta calada, ficando a quarta de apoio à bateria, conduzidas elas por aqueles mesmo quatro valentes officiais. Feita brecha na palissada por ela entraram, dirigindo-se ao *lombe* do soba, guiados pelo capitão Teixeira da Silva que conhecia o dispositivo da *embala*.

O *lombe* estava já deserto; o soba tinha fugido quando ali rebentaram duas granadas. Apenas dois papagaios, que tinham pertencido àquele capitão, palravam filosoficamente em cima de um ramo de árvore. Pelo chão jaziam espalhados barris com pólvora, cartuchos embalados e vários utensílios roubados na capitania-mór.

A *embala* começara a arder por todos os lados, e, sendo quási sol pôsto, foi ordenada a retirada para o acampamento, para onde segue, também, a cavalaria, que recolhia da perseguição em que fizera alguns prisioneiros, pois o comando dera ordens categóricas para se poupar a vida dos fugitivos, o que um tanto contrariou os auxiliares, nomeadamente o famigerado Orlog.

Estava tomada Ecovango, capital do Bié, cuja população não deveria ser inferior a 8.000 almas, e que fôra defendida por uns 2.000 combatentes — os *bicanjos* e alguns seculos mais dedicados ao soba — pois os bienes, na sua maioria, conservaram-se em prudente expectativa, sem o que os defensores não andariam longe de 20.000 negros.



Logo no dia seguinte, veio o missionário Sanders felicitar Artur de Paiva, acompanhado de alguns naturais que pediam que não continuasse a guerra, recebendo como resposta que ela só terminaria quando entregassem Dunduma e para tal se lhes concedia quatro dias, tempo, também, para enterrar os mortos.

Demais sabia êle que só com o aprisionamento do soba responsável a acção das suas tropas se tornaria decisiva, e que doutra forma a paz seria provisória.

A coluna desloca-se em seguida para Camundongo, onde

estava estabelecida a missão americana chefiada por Sanders, que se ofereceu, juntamente com o missionário inglês Arnot, para auxiliar a prisão do soba.

Este Arnot era pessoa pouco da simpatia de Artur de Paiva. Se não o acusava de ter promovido a revolta, não deixava de o julgar autor de certas intrigas e atitudes censuráveis, pouco favoráveis à soberania portuguesa.

Assim, o que dissera a Silva Pôrto, depois do insulto por este recebido na *embala*: «que tinha de aceitar os factos tais quais eram, que nada esperasse do Govêrno que não tinha fôrça para castigar o soba»; o que escreveu num livro de sua autoria sôbre a Garanganja: «que a autoridade dos portugueses no Bié era nominal»; e ainda uma carta por êle assinada, encontrada no *lombe* de Dunduma, justificavam as antipatias de Paiva e a maneira pouco cordeal como o recebera quando, um tanto comprometido, se lhe apresentou.

Artur de Paiva concedera, como se viu, o prazo de quatro dias para lhe trazerem o Dunduma prisioneiro, e era resolução sua recommençar as hostilidades tão depressa êsse prazo terminasse, por muito penoso que lhe fôsse derramar mais sangue. Disse, por isso, aos missionários que, se tal queriam evitar, indicassem o local onde o soba estava escondido, caso tivessem mêdo de o aprisionar. Mais lhes garantiu que o soba não seria fuzilado, como êles receavam, pois não estava nos hábitos dos portugueses o fuzilamento de prisioneiros. No entanto, afirmava-lhes que não estava disposto a deixar-se ludibriar com promessas dilatórias em que o gentio é fértil, principalmente se não vê factos concretos e apenas ouve palavras, e acrescentou que se limitaria a aprisionar os indígenas mais importantes do país até que o soba rebelde lhe fôsse entregue.

Dali segue para Belmonte, donde destaca fôrças para fazer

prisioneiros e sabe que o soba se refugiara na Tchicala, mas que os *ganguelas* se mostravam pouco dispostos a prendê-lo. Manda para ali um destacamento, comandado pelo alferes Amado, com uma peça de artilharia, que Couceiro e Rogado acompanham, o qual inflige grande derrota àqueles povos, destruindo-lhes Cunhamo, que era a sua capital.

Feito isto, faz saber aos *bienos* e aos *ganguelas* que ia dar oito dias de descanso aos cavalos, findos os quais êle próprio atacaria tôdas as suas povoações, não deixando coisa alguma de pé, enquanto o soba não fôsse aprisionado.

A energia que Artur de Paiva manifestava, indispensável em qualquer acção guerreira, quer com brancos civilizados quer com negros selvagens, começava a dar resultados. Arnot entregava-lhe uma mensagem de diversos sobas afirmando que iam perseguir tenazmente Dunduma, e a ela respondeu que o fizessem sem demora, se não queriam sofrer as conseqüências desagradáveis da impunidade do mesmo, e que de futuro se lhe dirigissem directamente sem recorrer a intermediários.

Efectivamente, a perseguição por parte dos *bienos* activou-se e o próprio Capoco levantou gente para êsse fim.

Entretanto, Artur de Paiva mandou proceder à exumação do cadáver de Silva Pôrto, que estava quási mumificado e por isso se reconhecia muito bem, mudando-o para outro caixão. Foi depois trasladado para o acampamento, onde lhe foram prestadas honras militares, e mais tarde conduzido para Luanda acompanhado pelo médico da expedição, o Dr. António B. Roque.

A 3 de Dezembro, finalmente, recebeu a notícia da prisão do soba, que logo no dia seguinte dá entrada no acampamento, acompanhado dos dois missionários Sanders e Arnot e de muitos dos seus antigos súbditos, que o tinham cercado mas que

não se tinham atrevido a pôr-lhe as mãos — não era impunemente que o seu nome Dunduma significava trovão — o que fôra feito por uns zanzibaristas, vindos da outra costa com destino a Benguela.

Com Dunduma vinham duas das suas mulheres, certamente predilectas, cuja afeição não era tal que as resolvesse a irem com êle para Benguela. Trazia, também, como feitiços, três caveiras humanas, uma delas de um prêto recentemente morto, de que não se queria separar, mas que Artur de Paiva mandou logo enterrar e que, como se vê, eram de nenhuma eficácia.

Estava assim terminada a guerra, conforme comunicou o soba Capoco, o mais influente do Bié, dizendo-lhe, ainda, que se tornava necessário eleger novo soba e reatar as relações comerciais com Benguela.

Procedeu, também, a averiguações, que reduziu a auto, respeitantes às origens dos acontecimentos dos quais resultou o suicídio de Silva Pôrto, e apurou que, antes da chegada ao Bié do capitão Paiva Couceiro, um prêto de nome Quimbaca, vindo de Benguela, avisou o soba de que aquele capitão ia construir ali um forte e apossar-se das terras. Foi êste aviso que Dunduma comunicou a Silva Pôrto, como se fôsse um sonho que tivera, que se apressou a tranquilizá-lo.

A chegada, porém, de Couceiro e a sua demora irritaram-no. E como pensasse que poderia receber um grande *mucano*, como resultado de tais intrigas, ordenou a retirada daquele e de Teixeira da Silva, o que levou Silva Pôrto a procurá-lo na *embala* a-fim-de o dissuadir de tal atitude, onde se deram as cenas já narradas com tôdas as suas trágicas conseqüências.

Soltos todos os prisioneiros, segundo a promessa feita a que Paiva seria incapaz de faltar, convocou os *seculos* para a eleição

do novo soba, depois de lhes ter sido perguntado se não prefeririam ficar independentes.

Em vista da resposta negativa a tal sugestão, justificando êles a sua opinião com o velho costume do Bié ter sempre um soba, foi eleito sem discrepância o Capoco, que logo prestou vassalagem ao Rei de Portugal e recebeu uma bandeira para içar na *embala*, que ia reconstruir no local da anterior, tendo a consagrá-lo a existência ali dos túmulos dos seus antepassados.

Feito isto, entregou a capitania-mór do Bié ao tenente Evaristo de Almeida, a quem deu instruções e deixou fôrça e material suficiente para garantir a autoridade que lhe conferia.

Mandou, ainda, Paiva Couceiro com alguma tropa avassalar diversos sobas no caminho da Garanganja e simultâneamente reconhecer a importância das salinas de sal-gema existentes do outro lado do Cuanza, missão que decorreu sem incidentes não obstante os boatos que a tal respeito correram pelo sertão.

Iniciado o regresso pela linha divisória das águas do Cuanza, Cuebe, Cubango e Cunene, visto não dispor de barcos de lona para seguir outra direcção, o que exigiu mandar gente na frente a abrir caminho, estava a 31 de Janeiro na Humpata, tendo-se cruzado com o padre Leconte que ia escolher local para instalar uma missão católica no Bié, que já ia encontrar influenciado por missões protestantes, bastante desnacionalizadoras.

Para Mossâmedes seguiu Dunduma, assim como três *seculos* e um antigo serviçal de Silva Pôrto mais responsáveis pelos acontecimentos, e não deixou de haver quem propalasse que aquele prêto não era o soba, não se lembrando o autor ou autores do boato que Paiva Couceiro e Teixeira da Silva tinham acompanhado a expedição e que muito bem conheciam o Dunduma.

Estava realizada, assim, a ocupação do Bié, mas ocupação

efectiva assente em base sólida: a fôrça, como escreve Artur de Paiva no seu relatório, transcrito na «Revista Militar» de 1892 e que acrescenta: «Só agora corresponderá aos esforços em que se empenha com ardor a Nação — a civilização dos indígenas; e não se julgue doutra forma possível. Isto não soará muito bem aos ouvidos dos filantropos de gabinete, mas a verdade é que o prêto não deseja ser civilizado e muito menos anexado. Tem, é certo, as suas simpatias e as suas repugnâncias por esta ou aquela nação, mas daí a desejar sinceramente a civilização ou dominação europeia vai muito. É verdade que dando a escolher um domínio europeu, sem outra alternativa, êles prefeririam o português a outro qualquer, porque, sem contestação, tem sido para êles o mais suave; mas não se vendo obrigados a escolher, a influência puramente teórica de uma civilização doutrinária não os levaria nunca a aceitar de bom grado qualquer domínio ou qualquer alteração nos seus usos e costumes».

«Os ingleses — acrescenta — estragam o indígena com presentes, enquanto não se acham habilitados a estragá-lo a tiro ou a chicote. Os portugueses estragam-no também com presentes, mas, logo que o dominam, estragam-no por uma benevolência exagerada, traduzida por uma aplicação de leis que êle não compreende e cuja brandura atribuem ao mêdo».

«Chamamos-lhe criança, mas tratamo-lo como homem. Esta é a principal causa da maior parte das guerras africanas».

A ocupação efectiva do Bié teve influência noutras regiões limítrofes — o Bailundo, as Ganguelas, o vale do Cuanza —, preconizando Artur de Paiva a construção de uma linha férrea com a testa marítima em Mossâmedes ou em Benguela para servir os planaltos onde havia «terras para seis milhões de europeus viverem abastados e felizes».

Essa aspiração é hoje uma realidade. Não foi um, mas dois

os caminhos de ferro que se construíram, tendo a sua testa marítima no Lobito e em Mossâmedes, fazendo o primeiro parte de uma linha transafricana.



Não obstante esta intensa acção militar, que, por completo, deveria absorver Artur de Paiva, além da luta constante com os usuais obstáculos que só a energia e a prática conseguiam vencer, tais como lameiros profundos e extensas *anharas*, cuja travessia exigia ser preparada, ou ainda rios invadeáveis sôbre os quais era necessário improvisar pontes e abrir rampas nas margens a prumo, não deixou de estudar tôda a região percorrida, debaixo de todos os aspectos, através da qual deixou aberto um caminho, com cêrca de 500 quilómetros de comprimento, que durante muitos anos foi aproveitado pelos carros que se dirigiam a Cáconda e ao Bié.

No seu relatório de Março de 1891, transcrito, também, nos boletins da Sociedade de Geografia, diz que para êsse estudo considerou três zonas: compreendendo a primeira os territórios situados entre a Humpata e Caconda, tendo por limite leste o rio Cunene; estendendo-se a segunda de Caconda às nascentes dêsse rio; e a terceira, partindo destas nascentes, alargava-se até os Luimbes e Quimbandes, na margem direita do Cuanza.

A serra da Chela, que diz «ser barreira que parece querer opor-se à invasão civilizadora para o sertão»; o carácter geológico das regiões atravessadas; a sua aptidão para a agricultura, em vista dos elementos componentes das terras; as áreas salitrosas, onde os pastores juntavam os seus gados na estiagem; a

quantidade e a qualidade das águas; o clima e a salubridade tudo foi objecto do seu estudo criterioso e inteligente.

A-par disto, não esquecia as investigações relativas à população indígena, à densidade da sua distribuição, à sua índole e caracteres, acentuando que a dêstes planaltos manifestava já um certo estado de civilização que a nossa influência ali de séculos justificava, ao passo que a do sul, onde essa influência é moderna, se mantinha absolutamente selvagem.

Referindo-se às congregações religiosas diz não simpatizar com elas por causa dos abusos que cometiam e da sua ambição de domínio, mas presta homenagem à boa-fé e à abnegação de muitos dos seus membros.

Neste ponto, Artur de Paiva sofre a influência de prejuízos e erros da sua época liberalista. Essa aspiração de condomínio, se a houve, pertence a tempos recuados da história e não ao seu, e poder-se-á justificar pelo apoio que as missões recebiam do poder real e pela acção moderadora e protectora que lhe era confiada a favor do indígena, defendendo-o dos abusos e das violências que, principalmente, a escravatura provocava.

Pretendendo nós difundir a nossa civilização, baseada no cristianismo, e assim garantir a unidade do Império, foram e serão essas congregações que melhor se desempenharão de tão elevado objectivo, pois os seus membros são inspirados por um espírito missionário que impõe sacrificios e renúncias e não espera compensações terrenas de qualquer ordem, mas, sim, a eterna bem-aventurança.

Não deixa, ainda, de chamar a atenção para a influência inglesa que se esboçava no Bié por intermédio dos missionários protestantes. E, assim, diz que os ingleses tinham grande predilecção pelos planaltos africanos e que era má sina dos boers

trazerem-nos sempre no encalço, pois sabiam que estes nunca se enganavam na escolha do clima e da terra onde se fixavam. Por êste motivo, o boer alcunhava o inglês com a pitoresca designação de *ravi mix*, essa formiga carnívora — a terrível *quissonde* — verdadeiramente feroz, que «invade muitas vezes as casas e as plantações, a ponto de expulsar os habitantes, ao cheiro da carne ou em virtude da humidade, assim como o inglês invade o país onde há metais preciosos ou probabilidades de expandir a sua actividade, apoderando-se dêle pela fôrça ou pela manha», conforme escreveu.

Põe, também, em relêvo a nossa benéfica e velha acção civilizadora, quando não se dispunha dos auxílios que o progresso facilitou, e assim diz que as nações poderosas não fizeram a favor do indígena e em prol do adiantamento moral e científico da África o que nós fizemos em épocas remotas, sem o poderoso recurso das maravilhas actuais da civilização e sem a mira num interêsse exclusivo e absorvente.

Grande verdade é esta que tão esquecida andou e anda. Incontestavelmente foram os portugueses os introdutores em África de muitas das plantas que ainda hoje fornecem ao prêto a sua principal alimentação; foram êles, ainda, quem primeiro o começou a vestir e a ensinar; como foram os que devassaram há séculos segredos geográficos, que modernos exploradores tiveram a veleidade de apresentar como descobertas suas e que tantas vezes erraram nas asserções feitas.

Artur de Paiva elaborou uma carta da região percorrida, em que incluiu também os itinerários levantados por Paiva Couceiro e pelo tenente Paulo Amado, e que foi desenhada pelo tenente Quintino Rogado, bom desenhador.

Como atrás se disse, Paiva Couceiro, reconheceu as salinas de Milundo e percorreu as regiões, além do Cuanza, habitadas

por *quimbes* e *quimbandes*, andando para tal em doze dias 453 quilómetros.

Como recompensa e reconhecimento das altas qualidades militares de Artur de Paiva, confirmadas nesta campanha de tão grande importância para a soberania portuguesa naqueles já invejados planaltos, foi, por Decreto de 18 de Dezembro de 1890, promovido a major por distinção, tendo, por conseguinte, 34 anos de idade e 16 de serviço em África. E — deve-se notar — nesses tempos de paz octaviana na metrópole, não havia grande corrente favorável a promoções por serviços em campanha.

V

RECONHECIMENTO DO CUNENE

Descansando, então, um pouco das lides guerreiras, conserva, todavia, a espada pronta a desembainhar-se, durante outras missões de que o incumbem, algumas não menos trabalhosas.

Assim, em 1892, foi encarregado da distribuição de terrenos aos colonos boers, para o que estava indicado pelo prestígio que entre eles gozava, devido à rectidão do seu carácter; meses mais tarde era nomeado por portaria régia intendente da colonização branca nos sertões de Benguela e Mossâmedes; e nesse mesmo ano faz a exploração do rio Cunene desde a catarata Ruacaná até à foz, de que elaborou um relatório, também transcrito num boletim da Sociedade de Geografia do ano de 1923, cheio de indicações úteis, acompanhado dum cuidadoso itinerário.

O baixo Cunene, atravessando uma região deserta mas rica de caça, era pouco conhecido, tinha, porém, sido já explorado pelo governador Leal e a foz fixada por oficiais de marinha, em serviços hidrográficos na costa.

Nesse interessante relatório, Artur de Paiva descreve a região que percorreu na companhia de sua mulher, que muitas vezes,

ela própria, teve de guiar o carro em que se transportava, enquanto êle, à frente, de farol aceso na mão, lhe ia dando indicações, e dum grupo de caçadores boers e dum inglês pesquisador de ouro.

Diz ter a região, com freqüência, um aspecto sombrio e selvático, que poderia inspirar um ilustrador do «Inferno de Dante», e salienta as calamidades que sofreram, usuais a quem se metia por aqueles sertões agrestes, e que bem mal poderão ser apreciadas hoje por quem percorre a Província em cómodos automóveis, a grande velocidade, com tôda a segurança e conforto.

Mas tôdas essas calamidades, passadas elas, prestes se esqueciam e não diminuam o atractivo que essa África, então misteriosa, tinha e que hoje não seduz como seduzia nesse tempo, e que é fonte perene de saúdaes para aqueles que por lá andaram vivendo uma vida mais livre, mais intensa e sem limites acanhados.

Assim, decorrendo a estação do *cacimbo*, êle e os seus companheiros sofrem temperaturas nocturnas que descem a 1º positivo, e vêem-se na necessidade de beber péssimas águas, quando as havia, às vezes envenenadas pelos indígenas para matar a caça, e de se alimentarem de biscoito e *biltong* — carne sêca preparada pelos boers — e de um pouco de café com açúcar. À noite são assaltados, não pelos grandes carnívoros, como o leão, que, em regra, evita e respeita o homem e se limita a rondar o acampamento, fazendo com os seus urros temerosos emmudecer todos os outros animais, grandes ou pequenos, e até parecendo calar as harmonias da própria natureza — o murmúrio das águas que correm é o sussurro do vento que agita a folhagem — ,mas pelos mosquitos ou pelas mabatas, que chegam a causar febre, ou, ainda, pelos escorpiões negros

e peludos, cuja picada pode ser fatal, e que tanto gostam de se aninhar nas roupas das improvisadas camas.

A região era rica em caça. Além de numerosos elefantes e rinocerontes, que marcavam a sua passagem na mata quando a atravessavam; de manadas de listradas zebras, que se viam ao longe em desenfreado galope; de variados antílopes, sempre atentos e desconfiados, existiam grandes e pavorosos morcegos bem como cinocéfalos, dos quais um foi morto tendo 1^m.40 de altura, que os *bergdamaras* comentavam ser o primeiro *damara* que Deus fêz, o que levou Artur de Paiva a concluir ser a teoria da origem das espécies mais antiga do que Darwin.

A-pesar-de tôda a riqueza cinegética, a fome não deixou de os atormentar, sendo por vezes obrigados a comer carne de zebra, pouco apetitosa pelo cheiro activo que tem, e os carregadores tiveram até de comer coiro dêste mesmo animal, que reservavam para fazer sandálias, à semelhança dos nautas da «Nau Catrineta» que já não tendo «que manjar»,

«Deitaram sola de môlho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija
Que a não puderam tragar.»

Tendo chegado à vista do mar, regressa à Chibia, onde estava a 7 de Outubro.

Em 1895, é promovido a tenente-coronel, e de novo, em 1896, os seus conhecimentos já comprovados indicam-no para auxiliar o engenheiro Costa Serrão — outro obreiro ilustre das

duas Áfricas portuguesas — nos reconhecimentos para o estudo dum caminho de ferro no sul de Angola.

Terminada esta missão, voltou ao exercício do seu cargo de intendente da emigração e foi nomeado comandante militar do planalto de Mossâmedes e promovido a coronel em 7 de Julho de 1897.

VI

A REVOLTA NO HUMBE

Nos primeiros meses de 1897, a peste bovina, que vinha devastando o armentio sul-africano, atingia a região além-Cunene e ameaçava transpor o rio, pondo em risco os rebanhos, que eram a única riqueza do planalto.

Alarmadas, as autoridades procuram proceder à vacinação geral e evitar o contágio, impedindo que os bois das regiões já infectadas transpusessem o Cunene ou mesmo que os indígenas e os próprios colonos os adquirissem ali, e para tal o coronel Paiva não se poupou a trabalhos para vencer tôdas as dificuldades e dominar a má vontade e a descrença de que brancos e pretos estavam possuídos a respeito da eficácia da vacina.

Na verdade, os bois vacinados nem sempre ficavam imunes ao mal que, em geral, os matava, o que dava lugar a que o gentio e até mesmo alguns brancos oferecessem resistência às vacinações e a que se criasse um estado de espírito ameaçador de alteração da ordem pública.

Em vista disto, resolveu-se destacar para ali a companhia de dragões, comandada, ao tempo, pelo capitão de cavalaria

José Eugénio da Silva, bem assim parte do batalhão de caçadores 4.

A ida da tropa, porém, não melhorou o estado de espírito do indígena e era até com certa ironia, traduzindo indignação mal contida, que alguns perguntavam, apontando para as bôcas de fogo que a companhia de dragões levava, se era com essas *coisas* que pretendiam vacinar os bois.

Mas mais ainda: o abastecimento do rancho para a companhia, composta de praças brancas, tornara-se difficil por falta de transportes, pois que a epizootia tinha atravessado o Cunene e grassava já nos Gambos e na Hufla, e o seu comandante, bem depressa, se desavinha não só com as autoridades locais — chefe do Humbe, o alferes José Felix, e facultativo encarregado da vacinação, Dr. António Bernardino Roque — mas com o próprio intendente, coronel Artur de Paiva, o que levou êste a ordenar a retirada dos dragões, cuja disciplina — assim relata o governador geral Ramada Curto — era também bastante precária e uma vez que, embora se reconhecesse o descontentamento do gentio, se não suspeitava que chegasse a manifestar-se hostil.

Para essa retirada, foi autorizado o comandante da companhia a fazê-la por pelotões, se visse que não tinha meios de transporte suficientes para tôda ela de uma só vez, utilizando assim, sucessivamente, aqueles de que dispusesse.

O comandante, efectivamente, ordenou a retirada por pelotões, mas sem os distanciar suficientemente de forma a poderem ser êsses transportes por todos aproveitados, em harmonia com a intenção do intendente ao dar aquela autorização, e, assim, o 2.º pelotão partia a 6 de Dezembro, comandando pelo 1.º sargento António Luiz da Silveira; no dia immediato os pelotões 3.º e 4.º, respectivamente comandados pelos alferes Fernando

A. da Silva Guardado e Carlos de Oliveira, com o capitão; e a 11 o 1.º, debaixo do comando do tenente Conde de Almoester, a que pertencia o 1.º sargento Pio, o 2.º sargento Rocha, 22 praças europeias, algumas doentes, e 3 indígenas, e ainda, 6 carregadores e 2 cavalos, dos quais um montada do tenente e outro transportando cartuchame.

O itinerário a seguir acompanharia o rio Caculovar, pelas regiões do Humbe, Chulo, Jamba-Camufate, Vandimba, em direcção aos Gambos.

Saído a 11 do Humbe, este último pelotão foi pernoitar a Catequero, donde partiu às primeiras horas da madrugada de 12, de forma que ao nascer do sol estava num sítio denominado Chulo, entre Cataquero e Jamba-Camufate, junto à *libata* do soba Muene Decango, onde fêz alto.

Não há unanimidade nas versões correntes a respeito dos acontecimentos que degeneraram em sangrenta tragédia, no entanto o governador geral Ramada Curto relatou, baseado na correspondência recebida, que, uma vez ali, dois soldados e um carrêgador, tendo ido à procura de água, se dirigiram a uma preta que estava numa lavra e a qual assustada fugira para a *libata* próxima, onde se realizavam cerimónias mortuárias — se *chorava o óbito*, no dizer de ambaquista letrado. De lá saíram logo alguns indígenas armados que feriram um dos soldados, dizendo, ainda, o governador geral ter o coronel Artur de Paiva notificado que um dos soldados matara uma mulher. Fôsse como fôsse, a tragédia iniciou-se.

Os soldados em fuga causam sobressalto nos que se encontravam no estacionamento, que recebem o gentio a tiro, contra a vontade do Conde de Almoester, que bem se esforçava para fazer cessar o fogo, sem o conseguir, pois aquele não tardou em responder vivamente. Os carregadores fogem para o mato

e o Conde de Almoester, sendo cada vez mais violento o tiroteio, resolve, por alvitre do 1.º sargento Pio, continuar a marcha debaixo de fogo.

Nestas circunstâncias, é ferido o 2.º sargento Rocha, a quem o tenente Conde de Almoester cede o cavalo para que fôsse tratar-se e pedir ao comandante da companhia auxílio para o pelotão. E — pormenor interessante — êste cavalo, que era dos mais ariscos da companhia, conta-se que se conservou quêdo junto do 2.º sargento, quando êste, desmaiando, caiu dêle abaixo.

Seguindo por um caminho através duma mata de espinheiros, com eficácia eram batidos pelo gentio que nela se ocultava e que, sucessivamente, crescia em número e audácia, não poupando a vida e trucidando os que, feridos, iam caindo.

Algumas horas durou esta perseguição, durante a qual foram percorridos 10 quilómetros, até que, esgotadas as munições, o Conde de Almoester, como último recurso, mandou formar quadrado, esperando que contra êle investissem, para, também, «morrer devagar».

A coragem do gentio, porém, não foi ao ponto de procurar o corpo a corpo e limitou-se ao arremêso de azagaias e ao fogo de espingarda a distância, até que, desfeito o pequeno quadrado, os cinco homens, incluído o tenente, que ainda se conservavam de pé, tentam meter-se ao mato mas são logo presos e trucidados.

Foram, assim, mortos o tenente Conde de Almoester, ao qual o governador geral reconhece a bravura de que deu provas e que diz dever ter herdado do seu illustre avô, o Duque de Saldanha, bem como o sargento Pio e 12 cabos e soldados, extra- viados 7 e feridos 8.

O sargento Rocha consegue chegar a Chicusse, a casa de José António Lopes, — conhecido por José Lopes Vidigal, sertanejo que muitos serviços prestou nas sucessivas operações para a ocupação d'êste planalto — que mandou logo comunicar ao comandante da companhia, em marcha para os Gambos, o que se passava, para que fôsem tomadas providências.

O valoroso tenente farmacêutico Aristides da Silva Guardado é que não hesitou, e apressou-se a ir ao Chicusse socorrer aquele sargento e no dia seguinte a partir para o local da chacinha, acompanhado de José Vidigal e de alguns serviçais, onde jaziam catorze cadáveres completamente nús, já em adiantada decomposição, que não conseguiram enterrar por causa da atitude ameaçadora de numeroso gentio que os observava a distância. Foram, porém, feitos alguns prisioneiros que no regresso, pelo Incombe, tiveram de libertar.

Dias depois, José Vidigal voltou ao local da tragédia com gente sua e o holandês Emídio Van-der-Keller, na intenção piedosa de enterrar os mortos, o que então se conseguiu realizar, ainda que debaixo de fogo dos rebeldes.

Segundo constou mais tarde, aos cadáveres do 1.º sargento Pio e dum cabo foram arrancados os corações, que, esquarterados, distribuíram aos rapazes, a-fim-de os tornar tão valerosos como eram aqueles a quem tinham pertencido. Bárbara homenagem à valentia!

Correndo célere pelo sertão a notícia do sucedido, cujas causas o governador geral julgou serem as já apontadas, acrescentando a elas as violências atribuídas aos pelotões que anteriormente tinham passado, e não a qualquer conluio entre os sobas do Humbe, do Cambo e do Mulondo, como se afirmava, a má disposição em que os indígenas se encontravam, propícia a aventuras guerreiras, deu origem à rebelião no Humbe, que

tendia alastrar para o Cambo e Mulondo e até a parte dos Gambos, e levou a desconfiar da atitude dos próprios *cuamatos*.

No Humbe, era chefe interino o alferes José Félix, que dispunha na fortaleza duns escassos 40 soldados, não lhe permitindo qualquer acção exterior, mas que conseguiu, ainda assim, recolher alguns objectos pertencentes ao pelotão dizimado.

O soba do Humbe foi por êle intimado a vir à sua presença, o qual, após as usuais desculpas dilatórias, compareceu a 14 de Dezembro, acompanhado de 200 dos seus súbditos, alegando que ignorava onde eram as *libatas* dos criminosos e pretendendo que o chefe e os brancos o acompanhassem para lhas indicar.

Não lhe fêz êste a vontade, caindo talvez na armadilha que lhe preparava, e os dias passam até que em 8 de Janeiro é atacado o Cafu e em 18 a povoação de Mutano — a do Humbe — por elevado número de revoltosos, que o alferes Félix, com a diminuta guarnição do forte, repele.

A 19, 20 e 24 do mesmo mês e ainda a 6 e 8 de Fevereiro voltam ali à carga e os europeus residentes no Catequero, a duas léguas do Humbe, são, também, atacados, sendo os revoltosos sempre rechassados, algumas vezes depois de longas horas de luta.



Praticamente o Humbe estava cercado, com as comunicações cortadas, e ameaçados os europeus residentes na região. Urgia, pois, organizar uma expedição, não obstante a época das chuvas que estava decorrendo, e para o comando dela é ao coronel Artur de Paiva que mais uma vez se recorre.

O coronel inicia imediatamente os trabalhos de organização da coluna e fixa os objectivos das operações, que eram, por conseguinte, castigar os rebeldes e socorrer o Humbe, onde as munições já não abundavam e que resistia aos sucessivos ataques graças à valentia do seu chefe, da pequena guarnição do forte e dos brancos da povoação de Mutano.

Desenvolvendo a energia que lhe era própria, conseguiu a 24 de Janeiro sair da Chibia, ainda que debaixo de chuvas persistentes, com o grosso da expedição, que já tinha no princípio do mês destacado fôrças de 1.^a linha com auxiliares e 27 carros, debaixo do comando do alferes António da Silva Nogueira, enquanto não era assumido pelo tenente Quintino Rogado, chefe dos Gambos, que deveria avançar para a fronteira do Humbe e escolher para base de operações: Caama, Tchicusse ou Ediva.

Na Caama se concentrava no dia 3 de Fevereiro tôda a expedição, após lentas e trabalhosas marchas que exigiam do comando e dos oficiais a maior energia, e durante as quais os bois dos carros iam morrendo, vitimados pela peste, e a saúde dos brancos se tornava sobremaneira precária, tomando êles tão miserável aspecto — descalços, alguns, mal podendo pisar o solo cheio de espinhos — que provocou aos pretos que os viam passar no Incombe um sarcástico comentário:

— Então estes é que são os valentes que vão bater o Humbe!

A coluna compunha-se, nessa ocasião, além do comandante e do seu estado maior, de que era chefe o major João Rogado de Oliveira Leitão e ajudante o capitão Júlio César Barata Feio, duma fôrça de artilharia com 5 peças, comandado pelo tenente Damião Martins Pereira de Menezes, com o alferes Luiz A. de Pina Guimarães, como subalerno; da companhia de dragões, apeados, comandado pelo tenente João Augusto da Costa; de contingentes dos batalhões de caçadores n.^{os} 1, 2 e 4, e de auxi-

liares brancos e pretos. Perfazia tudo um total de 1.249 homens, dos quais 200 eram praças europeias, 337 indígenas, 160 auxiliares brancos — boers e portugueses — 552 auxiliares indígenas, comandados por 17 oficiais, com 100 solípedes e 54 carros, 27 dos quais ficaram no pôsto de Tchicusse.

Feito um reconhecimento pelo comandante para a escolha de local apropriado a um pôsto, que assegurasse as comunicações com os Gambos, e a seguir outro, pela margem direita do Caculovar, em direcção paralela ao anterior, comandado pelo tenente Quintino Rogado, que travou combate com o gentio, causando-lhe baixas e apreendendo-lhe gado, avança a coluna para Tchicusse, onde monta outro pôsto e atravessa o Caculovar para a margem direita, mais descoberta de arvoredo.

Debaixo de chuvas por vezes torrenciais, daquelas em que parece que se abrem as cataratas do céu, nestes dias de Fevereiro, a coluna vai-se deslocando, no dispositivo regulamentar, flanqueada por auxiliares a cavalo e a pé, tendo atirado para a frente e para os lados, em exploração, auxiliares indígenas, e exercendo a sua missão punitiva, com o castigo infligido ao gentio da Mutucua e com o incêndio das *libatas*, à excepção das que pertenciam a *seculos* que tivessem salvo a vida a soldados de dragões.

Acampados em Munhande, ouvem bater *cua* e rufar os tambores de guerra, indicação certa do ataque que se preparava e se efectuou, sendo dispersos os atacantes pelos elementos montados e auxiliares a pé, com pesadas baixas.

Prosseguindo a marcha, a 17 de Fevereiro novo ataque se pronuncia, quando os carros se encontravam atolados em lodajais, sendo destroçado o inimigo, que no dia seguinte vê frustrada a cilada que preparou, envolvendo o caminho seguido com abatisses de espinheiro, dispostos em forma de ferradura,

na intenção de impedir os movimentos da cavalaria, porquanto foram atacados pelos exploradores e repelidos até ao rio, onde muitos se afogaram, antes que o ardil pudesse surtir efeito.

Após fatigantes trabalhos, a coluna, a 20 de Fevereiro, estaciona numa ilha do Caculovar, onde prepara a passagem para a margem esquerda, passagem difficil por levar o rio grande volume de água e não ser, por isso, vadeável e estar submersa a frágil ponte gentilica ali existente. E, continuando a marcha, atingiu no dia 22 a povoação de Catequero, que fôra atacada pelo gentio, quando repellido pelas forças da coluna, e onde coisa alguma se sabia da situação do Humbe.

Sem detença, Artur de Paiva manda um reconhecimento em direcção à fortaleza, que os *mondongos* da povoação de Mutano, junto a esta, receberam com grande alegria, disparando as espingardas, tiroteio que ouvido em Catequero originou preocupações e provocou nova tentativa dos *muhumbes* de assalto às linhas de defesa.

Em 23, finalmente, a coluna chega ao Humbe, depois duma marcha penosíssima que durou 32 dias, a qual o coronel Artur de Paiva, no seu relatório, classifica «de feito mais brilhante que muitos combates vitoriosos, feito em que ao mais ínfimo soldado cabe uma boa parte de glória», e onde a escassa guarnição estava extenuada pelas longas vigílias e o constante alerta a que a obrigava um cêrco de dois meses.

Esta resistência, devida ao alferes José Félix, chefe do Humbe, foi justamente apreciada por Artur de Paiva, dizendo: «não menos para enaltecer é a constância e valor do chefe do Humbe e guarnição durante o prolongado cêrco que lhe fêz o inimigo», e mereceu que o governador geral, recomendando os expedicionários do Humbe à munificência régia, propusesse que

o mesmo chefe fôsse agraciado com qualquer grau da Tôrre e Espada.

Estava alcançado um dos principais objectivos desta campanha, faltava, porém, realizar os outros.

Assim, sem demora, mandou avançar de Tchicusse, os mantimentos que ali deixara, cuja escolta, comandada pelo alferes Oliveira, ainda travou combate com os rebeldes, e procedendo a diversas operações bateu junto ao Cunene o gentio de Cafuntusa e bem assim os *chulos*, considerados os principais culpados no morticínio de 12 de Dezembro, para o que o grosso da coluna se deslocou para Catequero, ao passo que os elementos montados com os *mondongos* se tinham antecipado pela Ndimba. O combate foi rijo, merecendo os dragões as referências elogiosas do coronel, e os *muhumbes* fogem para o Cafu, onde os auxiliares os perseguiram causando-lhe grossas baixas e fazendo-lhe prisioneiros e importantes presas de gado.

Tendo evitado estender as hostilidades à margem direita do Caculovar, enquanto durassem as negociações para a apresentação do soba do Humbe, não foi respeitado êsse seu intento, e, assim, uma fôrça que regressava de Tchicusse por aquela margem foi atacada, generalizando-se o combate em que os rebeldes tiveram numerosas baixas.

Em 1 de Abril, estavam novamente as fôrças concentradas no Humbe, e então alguns *seculos* começaram a apresentar-se, mas o estado sanitário dos homens, principalmente dos brancos, tinha-se agravado sobremaneira; os casos fatais sucediam-se e o próprio gado cavalari não era poupado às investidas da *horse sickness*.

É que as operações estavam-se realizando em plena época das grandes chuvas, obrigando a marchas com água pelo joelho e ao esforço extenuante de tirar os pesados carrões boers dos

atoleiros em que caíam. E, demais, tudo faltava: nos acampamentos os abrigos não existiam, a alimentação nem sempre abundava, até o indispensável quinino escasseava e apenas se podia contar com o zelo e a dedicação do serviço de saúde, dirigido pelo médico Alberto Barbosa de Queiroz, secundado pelo seu colega José Maria da Silveira Montenegro e pelo farmacêutico Guardado.

O próprio comandante não foi poupado, e febres violentas mais duma vez o prostaram, dominando a sua energia e levando-o ao leito. Sua valorosa espôsa, sabendo do que se passava, não hesitou em meter-se a caminho, não obstante a violência das chuvas e a pouca segurança que êle oferecia, e aparece inesperadamente no Humbe para lhe ser dedicadíssima enfermeira.

A-pesar-disto as operações continuavam, recorrendo-se para elas especialmente aos auxiliares, e, assim, foi batida a Donguena. as margens do Cunene e as ilhotas dêste rio; recolhido grande parte do armamento, apreendido pelo gentio quando do desastre de Jamba-Camufate; ao passo que os *mu-humbes* rebeldes, em grande número, se iam declarando vencidos.

O soba do Humbe é que não se conseguiu prender, e, não se podendo dispensar uma autoridade indígena, responsável perante o governo português, o coronel fêz eleger um descendente do falecido soba Manane, que fôra de tôda a confiança, e nomeou-lhe uma regência, por ser menor.

Pôs, então, têrmo às hostilidades, abandonando a intenção de castigar o Mulondo e algumas zonas dos Gambos para evitar à Província mais despesas, que pesariam no seu erário.

Havia sôbre êste ponto de vista, à época, um critério de economia, bem conhecido de Artur de Paiva, que impedia muitas vezes que a ocupação se firmasse e não exigisse mais tarde

novas despesas com outras operações de polícia. E diziam até êsses africanistas do Terreiro do Paço — como então se lhes chamava — que com o dinheiro que tais operações exigiam se estenderiam alguns quilómetros de linha férrea, sem se lembrar que uma linha férrea não se explora, nem primeiro se constrói, sem previamente se estudar e que êsses estudos não podiam fazer-se numa região insubmissa, além de que era necessário para ela um objectivo económico, nem sempre existente.

«O sossêgo no Humbe — diz Artur de Paiva no relatório — é de crer, conservar-se-á por muito tempo inalterável, pois, se o crime foi grande, o castigo foi condigno».

Desta guisa, a coluna sai do Humbe a 11 de Julho e é dissolvida na Chibia a 4 de Agosto, tendo no caminho exumado a ossada do Conde de Almoester, que foi recolhida num caixão feito no Humbe.

As tropas tiveram em combate 8 mortos, 23 feridos e 4 extraviados, mas as doenças provenientes das agruras sofridas ocasionaram 96 vítimas, das quais mais de três quartas partes eram brancos, sendo um dêles o alferes António da Silva Nogueira.

Como diziam os médicos da expedição, era profunda a impressão moral produzida pelos casos fatais da febre hemo-globinúrica, esperando cada um cair a todo o momento para nunca mais se levantar.

Tais baixas, todavia — afirma o coronel no final do seu relatório — «não conseguiram afrouxar a abnegação e coragem dos expedicionários, que vencendo numerosos e difíceis obstáculos, resignados sob o peso de grandes privações e sofrimentos, se mostraram altamente dignos da confiança que nêles foi depositada e levantaram mais uma vez bem alto o nome glorioso do exército português».

Como recompensa dêstes novos e relevantes serviços, foi o

coronel Artur de Paiva agraciado com a comenda da Tôrre e Espada, de valor, lealdade e mérito, de que possuía já os graus inferiores, e depois com as medalhas de ouro da Rainha D. Amélia, destinada a comemorar as campanhas ultramarinas, e de prata de valor militar.

Os seus prestimosos auxiliares foram, também, recomendados à régia munificência: para serem agraciados com qualquer grau da Tôrre e Espada o farmacêutico Aristides Guardado e o médico Alberto Barbosa de Queiroz; com a medalha de valor militar o tenente de Cavalaria José Francisco Quintino Rogado, já condecorado com a Tôrre e Espada pelos seus relevantes serviços na campanha do Bié e que, certamente, vítima do impaldismo contraído nas operações do Humbe, agravado em árduos e posteriores trabalhos, faleceu no ano seguinte, e ainda o tenente de cavalaria Carlos Augusto de Oliveira; com a medalha de bons serviços o médico José Maria da Silveira Montenegro, o major, chefe do estado maior, Júlio Rogado de Oliveira Leitão, o capitão Júlio César Barata Feio, o 1.º tenente de artilharia Damião Martins Pereira de Menezes e o capitão de cavalaria João Augusto da Costa.

O valoroso José de Melo da Silva Pimentel, ferido em combate, foi proposto para um grau da ordem de Cristo; José Vidiagal, bravo sertanejo, a que se fêz referência atrás, já cavaleiro da Tôrre e Espada por serviços anteriores, foi agraciado com a comenda de Cristo, ao passo que o capitão Joaquim Maria Luna de Carvalho, o tenente Fernando Augusto da Silva Guardado, os alferes José Martins dos Santos, Manuel Alberto de Figueiredo de Carvalho, Vítor Hugo Nogueira de Lacerda Castelo Branco, Luiz Augusto de Pina Guimarães e José Joaquim de Carvalho e diversas praças e voluntários foram louvados individualmente.

VII

O MILITAR E O INVESTIGADOR

Tentámos em palavras singelas e orientados pelos seus notáveis relatórios fazer o resumo da vida heróica de Artur de Paiva, vida que tendo a duração de 44 anos foi consagrada, desde que assentou praça em 1874 até à sua morte em 1900, a bem servir a Pátria, e que bem merecia quem mais luminoso relêvo lhe desse em prosa que tivesse o ritmo de verso épico.

Apenas uma vez, depois da campanha do Bié em 1890, viera à metrópole restaurar as fôrças tão duramente experimentadas, acalmar os nervos que certamente teriam trabalhado em contínua alta tensão e orientar o seu espírito de forma a útilmente perseverar nos estudos científicos que tanto o atraíam; quando pela segunda vez aqui voltava, a Morte arrebatou-o e as águas do Atlântico abriram-se para receber o seu corpo.

Na personalidade de Artur de Paiva reconhece-se logo o homem de acção, e nela duas facetas se notam dignas de especial destaque: a do militar, com altas qualidades de comando bem cêdo reveladas, e a do investigador, a do obreiro estudioso, que nenhuma ocasião deixava passar para fornecer infor-

mações inéditas e dados geográficos de um país de que bem pouco, nos seus pormenores, se conhecia.

Como militar, sobretudo, em Artur de Paiva revela-se a vontade, mas uma vontade inteligente. E, graças a ela, os díspares meios de acção, que lhe forneciam para as suas expedições, aglutinavam-se, ganhando homogeneidade e eficiência; os objectivos militares alcançavam-se integralmente; a energia exercia-se, enquanto necessária, por forma justa, seguindo-se-lhe bem depressa a generosidade, não somente por um sentimento adscrito à sua notável individualidade, mas, também, por um sentir colectivo, comum a todos os soldados da ocupação. E se excepções, porventura, entre êles houve, elas só vêm confirmar a regra.

A vontade num chefe militar tem uma função predominante. Uma batalha, já escreveu Gustave Le Bon nos «Enseignements psychologiques de la Guerre européenne», é sobretudo uma luta de vontades, e chega a afirmar: não é a fé que levanta montanhas, mas a vontade.

Artur de Paiva, de aspecto às vezes taciturno, reservado, não deixava de ser bondoso e afável no seu convívio, mas o seu olhar dominador, que perturbava, exercia sobre os subordinados uma influência que os levava não só ao estricto cumprimento do dever mas ao sacrifício por mais penoso que fôsse, porque conseguia despertar nas suas almas a vontade inconsciente que lá existia de origem ancestral.

Possuía Artur de Paiva tôdas as qualidades de um soldado — audácia, energia, decisão — que sintetizam aquelas que Mousinho de Albuquerque aponta na célebre carta ao Príncipe Real: «a audácia nos lances decisivos, a resignação estóica nas mais dolorosas crises, a presença de espírito nas situações mais difíceis, a decisão rápida e pronta para aproveitar as vitórias».

Os factos narrados nos seus relatórios põem-nas em manifesta evidência.

Servir bem, dedicadamente, foi a sua divisa, afrontando os perigos, sofrendo fomes e sêdes, vendo cair alguns colaboradores a seu lado abatidos pelo ferro ou pelo fogo ou prostrados pela doença.

Mas se a vontade teve nêle tal domínio como militar, não foi menor a que teve na sua feição de estudioso investigador.

Quando assentou praça, em Luanda, aos 18 anos, a sua «nota de assentos» registava, apenas, saber êle ler, escrever e contar, pois graças a essa vontade imperativa, vivendo sempre no sertão, longe de escolas, de uniwersidades, de bibliotecas, convivendo tão sòmente com os boers incultos que se limitavam à leitura da bíblia e a cantar, à noite, psalms ao som de concertina, ou com colonos portugueses ainda mais incultos, instruíu-se, por seu próprio esforço, de forma a merecer especial referência aos governadores gerais a sua cultura, tão exuberantemente manifestada nos trabalhos que apresentava.

Só por si, pela sua avidez de saber, orientada por uma clara inteligência, as ciências naturais, a topografia, a geodésia e até a astronomia, com a indispensável preparação matemática que estas últimas ciências exigem, foram, a-par com as línguas, objecto do seu estudo aturado e que lhe iam fornecendo as bases para o aproveitamento prático na investigação dos recursos e das aptidões das regiões que percorria, mesmo que fôsse ao som da guerra, e para o traçado de rigorosos itinerários que sempre levantava.

Paiva Couceiro, companheiro de Artur de Paiva na campanha do Bié, e que fêz na sessão de 8 de Novembro de 1900, da Sociedade de Geografia de Lisboa, o seu elogio histórico,

pondo em destaque por uma forma primorosa êste aspecto notabilíssimo da sua individualidade, disse:

«Como se um tão raro conjunto de virtudes, intelectuais e morais, não bastasse a caracterizar o homem superior, completava-as êle com uma larguíssima cultura de espírito, colhida em leitura persistente, ocupação favorita dos seus minutos livres, na ânsia de bem saber, para melhor servir. E, logo, partindo para alguma exploração pacífica, ou para qualquer longínqua algara, a sua capacidade assimiladora ia pondo em prática aplicação os conhecimentos antes conquistados.»

«O fóssil, que distingue uma camada de terreno, — a conformação óssea, que notabiliza a cabeça de um quadrúmano, — a constituição agrológica, que evidencia a fertilidade dum torrão, — as condições meteorológicas, telúricas, que assinalam uma zona colonizável, — as fôlhas e as flôres, — as rochas, as águas e os astros, — tudo caía, sucessivamente, sob a análise perscrutadora dos seus microscópios, compassos e reagentes, — dos seus termómetros, hidrotímetros e teodolitos.»

«E se, preparando à noite uma observação do eclipse de Júpiter pela Lua, rugia o leão nas imediações do *laager*, ver-se-ia o astrónomo sair a torneá-lo por sotavento, de modo que à sua bala certa não escapasse uma prêsa realenga».

«E se, ao estampar pela fotografia um aspecto da paisagem, bando de antílopes se divisa ao longe, fugitivo no horizonte de arvoredo, o artista passava a cavaleiro, investindo, espingarda em punho, à rédea solta, por entre a selva brava».

«Poliglota, também, — era, usando a língua própria a cada interlocutor, que, segundo a ocorrência, se entendia, — aqui com um turista britânico, ou um missionário protestante, — mais além, com um irmão francês da Sagrada Congregação do Espí-

rito Santo, — e cada dia, durante as marchas sertanejas, com o chefe boer, ou os régulos indígenas, dos grupos incorporados nas suas estranhas colunas mixtas.»

No final dêsse elogio histórico, o orador, de acôrdo com Vítor Cordon, — outro nome notável da história ultramarina do final do século passado — propôs que a Sociedade de Geografia promovesse a publicação de todos os trabalhos do illustre extinto, acompanhados dum prefácio-biografia, e bem assim solicitasse do Estado uma pensão para a viúva e filhos de tão benemerito official.

A-pesar-do aplauso com que foi recebida, a primeira parte da proposta está ainda por realizar, a segunda parte teve a sanção do Estado, patrocinada pelo então ministro da marinha e ultramar Teixeira de Sousa, e, pela carta de lei de 12 de Junho de 1901, foi concedida à viúva e filhos uma pensão, actualizada em 1927 pelo ministro das colónias João Belo.

Mas Angola tem, também, uma dívida em aberto à memória de quem foi seu tão illustre servidor, pois não nos consta que, à parte uma escola primária, haja qualquer povoação que perpetue o seu nome, como algumas há que, com justiça, lembram outros nomes célebres.

Sentindo-se, talvez, doente, Artur de Paiva resolve vir à metrópole gozar a sua segunda licença e para êsse fim, em Setembro de 1900, embarca em Mossâmedes no vapor «Portugal» da Empresa Nacional de Navegação. O impaludismo, porém, tinha-se enraizado no seu depauperado organismo e de tal forma que as suas manifestações atingiram em poucos dias a maior gravidade e a 1 de Setembro falecia.

No dia seguinte, 2, pela 1 hora da tarde, o seu corpo, encerrado num caixão, foi lançado ao mar, à saída da Ilha de S. Tiago, na latitude N. 18° 15' e longitude W. 22° 23', ficando

a dedicada espôsa e uma extremosa filha, dilaceradas pela dor, chorando a viuvez e a orfandade.

Não quis a Providência que fôsse terra de Angola que o cobrisse no seu eterno sono, reservou-lhe, no entanto, para jazida os abismos profundos dum mar português.

Foi mais um grande soldado de África, caído em holocausto á Pátria, a incorporar-se, como tantos outros, na guarda que defenderá as possessões africanas do ataque da Europa, pois são êsses mortos ilustres, em vida estrénuos combatentes contra as hostilidades dessa mesma África, os que, primeiro, se oporão a que se efectivem ambições de qualquer ordem ou origem, seja qual fôr a hipócrita modalidade com que se apresentem.



A. G.
200

*Este livro, realizado pela
Editorial Atica, Limitada,
Rua das Chagas, 23 a 27,
Lisboa, foi composto e
impresso durante o mês
de Janeiro de 1938.*







ALM
1820